

» cenário

# *Cenário da exploração sexual nas rodovias*





## As rodovias mais estratégicas para a economia do país são também as que concentram a exploração sexual de crianças e adolescentes. É fundamental que a sociedade se una para dar um basta ao problema.

Na década de 1990, quando nasceu o Estatuto da Criança e do Adolescente, finalmente foi incluído na agenda da sociedade brasileira, mediante um marco legal, um problema que sempre afligiu famílias, escolas, governos e organizações de defesa dos direitos humanos: o abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes. São fenômenos distintos, igualmente graves e de difícil abordagem. O abuso muitas vezes acontece dentro de casa. A exploração, diferentemente, envolve dinheiro e alimenta uma rede organizada, que movimenta quantias capazes de subornar as autoridades, comprar o silêncio dos pais e às vezes selar para sempre o destino de crianças exploradas em bordéis, postos de gasolina, biroskas de beira de estrada ou onde quer que exista um cliente disponível para trocar dinheiro por sexo com uma criança.

O elo mais fraco desse processo são as crianças e os adolescentes, as principais vítimas das redes de exploração, que não se constringem em atuar à luz do

dia, em locais conhecidos e movimentados, nos quais a desinformação e a impunidade transformam crianças em mercadorias.

O enfrentamento dessa situação ainda carece de ações que indiquem uma resposta eficiente. Nem sequer há estatísticas consolidadas sobre o tamanho do problema. O inegável é que ele existe em larga escala e tem caráter nacional. Levantamento da Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH), do governo federal, identificou pelo menos 937 cidades onde há redes comerciais organizadas de exploração.

Pesquisa divulgada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT/ECPAT) revela que no Brasil existem 100 mil crianças e adolescentes nessa situação, boa parte ao longo das rodovias, sustentando uma rede criminosa que movimenta milhões de reais por ano. Entre 2000 e 2003, por exemplo, foram registradas mais de 18 mil denúncias pelo Disque-Denúncia nacional – que atende pelo número 100 de qualquer telefone do país – sobre violência sexual contra as crianças e os adolescentes.

As causas são tão complexas quanto o enfrentamento. A pobreza é um fator importante, muitas vezes decisivo. São inúmeros os casos de crianças que trocam a relação sexual por um prato de comida ou por um punhado de moedas. Questões culturais, que colocam o adulto em situação de poder sobre a criança, também contribuem para o funcionamento das redes de exploração. O preconceito e o machismo também aparecem como causas que merecem ser consideradas. A baixa escolaridade e a ausência dessas crianças da rede escolar são fatores presentes na vida da maioria das vítimas.



# Mapa da exploração sexual

Rodovias com ocorrências de exploração sexual passam por 25 capitais\*, exceto Palmas e Macapá.

\* As BRs 317 e 101 não atravessam as cidades de Rio Branco e Salvador, respectivamente. Porém, podem ser consideradas estradas usadas para a prática de crime porque são próximas de ambos os municípios.



Fonte: Polícia Rodoviária Federal



## Fatores de risco

No caso da exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias, é possível traçar um perfil bastante claro sobre as causas do problema.

A socióloga Marlene Vaz, de Salvador, desenvolveu diversas pesquisas sobre o tema e viajou pelo país entrevistando exploradores, famílias e vítimas da exploração. Para ela, a pobreza das famílias, sua desestruturação e a violência doméstica são os fatores mais importantes.

Outros fatores de risco são o histórico de abuso sexual doméstico e a ilusão masculina de prolongar a juventude com parceiras mais jovens.

Marlene também aponta o papel “duplo” da mídia, parceira no combate à violência e ao mesmo tempo vendedora da idéia do corpo de crianças e adolescentes como o mais caro dos produtos. “A ditadura do consumismo e do erotismo favorece a exploração sexual comercial, uma vez que a ideologia do consumo tornou o erotismo uma mercadoria”, avalia.

A pesquisadora indica ainda como causa a falência da rede escolar como ferramenta de prevenção, já que a maioria das crianças e dos adolescentes deixa de estudar quando começa a ser explorada.

Abandonam a escola porque precisam trabalhar ou têm problemas familiares. Ou porque não se ajustam ao modelo de ensino. “A escola não tem competência nem vontade para buscar a causa e encontrar uma solução viável. Tem ficado, em geral, isenta nas matérias sobre exploração sexual comercial”, avalia a socióloga. “Além disso, a maioria das escolas públicas não é atraente nem faz esforço para competir com a exploração sexual, que envolve a excitação e o prazer do sexo. A instituição não investe nos novos interesses de crianças e adolescentes.”

Pesquisas do WCF-Brasil traçam o seguinte perfil de dois importantes atores sociais envolvidos na temática:

### Família

- Em geral, são famílias de baixa renda, em situação de alta vulnerabilidade social, nas quais os rendimentos obtidos pela criança ou adolescente são significativos para a sobrevivência de todos.
- Frequentemente, um ou mais familiares têm problemas com álcool e outras drogas.
- Situações de violência doméstica e abuso sexual intrafamiliar são frequentes.
- Muitas vezes os próprios familiares são os responsáveis pela iniciação ou manutenção das crianças e adolescentes na situação de exploração sexual.

### Escola

- Os vínculos com a escola são frequentemente frágeis e podem se romper nas situações de exploração sexual.
- Entretanto, estudo realizado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) em Foz do Iguaçu (PR) revelou uma porcentagem considerável de crianças e adolescentes em situação de exploração sexual que freqüentavam a escola e estavam ligados a programas de redistribuição de renda.

## Enfrentamento

Somente com o envolvimento de toda a sociedade será possível enfrentar a questão de maneira eficiente. O setor público, o setor privado e as organizações não-governamentais têm papéis específicos nesse processo.

No setor público, muitos avanços foram alcançados, como o aprimoramento dos Conselhos Tutelares e a implantação do Disque-Denúncia, do Programa Sentinela e a política nacional de enfrentamento do tráfico de pessoas. Existem ainda a Rede Nacional de Prevenção da Violência e Promoção da Saúde, o Bolsa Família e o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti), que dão suporte às famílias. O papel do governo é debatido na entrevista da página 42, com Cristina Albuquerque, coordenadora do Programa Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, ligado à Secretaria Especial dos Direitos Humanos.

ONGs apresentam inúmeras iniciativas voltadas direta ou indiretamente para a questão. As ações, contudo, ainda são insuficientes para fazer frente à complexidade do fenômeno. Destacam-se estudos sobre o tema, geração de estatísticas, programas de estímulo ao protagonismo juvenil e desenvolvimento humano, além de ações de empreendedorismo, reinserção social, atendimento às crianças e suas famílias e defesa de direitos, entre outras.

Tais iniciativas, porém, ainda têm sua abrangência e capacidade de atendimento limitadas por fatores estruturais e econômicos. A atuação é, em geral, predominantemente local, o que dificulta a troca de experiências e minimiza o impacto no conjunto da sociedade. Diversos programas-piloto de geração de renda estão em fase de elaboração, implantação e execução, o que demonstra uma evolução nos processos implantados pelas ONGs. Tanto quanto com a geração de renda, que tem um papel importante, mas não funciona por si só, as ONGs estão preocupadas com ações psicossociais, de reestruturação de projeto de vida e reinserção social de crianças e adolescentes.



## Dimensões envolvidas

A exploração sexual de crianças e adolescentes está associada aos bolsões de pobreza, mas não se restringe apenas aos grupos mais desfavorecidos do ponto de vista econômico. Outras dimensões devem ser consideradas na gênese do problema

### Dimensões histórico-estruturais

Pobreza  
Desigualdade e exclusão  
Trabalho  
Classe social

### Dimensões legais

Repressão  
Responsabilização  
Legislação

### Dimensões culturais

Gênero  
Etnia  
Violência  
Sexualidade

### Dimensões políticas

Estado de direito  
Cidadania  
Democracia  
Sociedade civil – redes

### Dimensões psicológicas e sociais

Identidade  
Vínculos  
Estigma

### Dimensões relacionadas aos valores

Consumo e consumismo  
Imaginário (mídia e cultura)

Tais organizações também cumprem um importante papel ao inovar e testar novos modelos de ação, que depois podem se converter em políticas públicas de âmbito geral.

Em relação à iniciativa privada, o tema é raramente tratado pelos programas de responsabilidade social das corporações. Ainda há muito tabu e desinformação sobre a questão.

Muitas empresas não querem associar sua imagem ao enfrentamento da exploração sexual de crianças e adolescentes. A participação das empresas é tratada com profundidade na reportagem da página 28. Até o momento, o que existe são iniciativas pontuais, principalmente a participação em campanhas. Ações efetivas são raras, mas acontecem. O ponto positivo é que, durante contato com empresários, o WCF-Brasil identificou neles uma forte disposição para participar de empreendimentos desse tipo.

“A ditadura do consumismo e do erotismo favorece a exploração sexual comercial, uma vez que a ideologia do consumo tornou o erotismo uma mercadoria.”

*Marlene Vaz,*

socióloga, especialista no tema da exploração sexual de crianças e adolescentes.



## O que fazer?

Os desafios são enormes. O WCF-Brasil, durante reuniões com grupos focais realizadas em 2005, apurou uma série de propostas no que diz respeito à temática da exploração sexual nas rodovias. Conheça as principais metas para serem atingidas até 2010:

### Caminhoneiros:

- Conscientizar todos os caminhoneiros do problema da exploração sexual e de suas implicações sociais, psicológicas, legais etc.
- Ter uma massa crítica de caminhoneiros agindo de forma proativa, como agentes de proteção.

### Empresas:

- Contar com diretrizes que orientem o setor das empresas privadas.
- Articular as empresas do setor privado para ações de prevenção e enfrentamento.

### Tecnologia e condições de trabalho:

- Fazer uso de recursos de segurança, aumentando o nível de monitoramento, segurança e qualidade de vida no trabalho do caminhoneiro.

### Percepção:

- Fazer com que a exploração sexual seja amplamente percebida como violação dos direitos de crianças e adolescentes e, portanto, vista como responsabilidade de toda a sociedade.

### Acompanhamento:

- Adotar um sistema eficiente e eficaz de atenção e de proteção.
- Levantar dados de monitoramento sistemáticos e confiáveis, baseados no atendimento, e não apenas em denúncias.
- Obter um diagnóstico precoce das situações de risco nas escolas, igrejas e comunidades.

### Articulação, ação e suporte:

- Desenvolver uma articulação eficaz entre o setor público, o setor privado e o terceiro setor.
- Estabelecer um centro de referência em cada município para que seja feito o acompanhamento das crianças, dos adolescentes e também de seus familiares.
- Contar com programas efetivos de geração de trabalho, renda e inclusão social.
- Receber o apoio de delegacias especializadas em crimes contra crianças e adolescentes.



Tatiana Cardeal

A exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias é um problema complexo. O Brasil tem se preocupado cada vez mais com o tema. É impossível pensar em crescimento econômico sustentado sem levar em conta a temática das desigualdades sociais e do respeito aos direitos humanos. Dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) mostram que o país ainda tem 1 milhão de crianças entre 7 e 14 anos fora da escola. Mais de 5 milhões de crianças são exploradas pelo trabalho infantil e 1,9 milhão de jovens são analfabetos. Tais fatores são determinantes para a ocorrência de exploração sexual. Melhorar esses indicadores será um passo grandioso para construir um país onde todos possam ter orgulho de viver.

